



Marc Chagall (1887-1985), *O Passeio*, 1917.

Óleo sobre tela, 170 x 163,5 cm. Museu de São Petersburgo, Rússia.

Cinco poemas inéditos

RUY ESPINHEIRA FILHO

Epifania

Alguns anos não consigo
deixar nas águas do Lete:
os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete.
Muitas coisas se afogaram,
e rostos, e pensamentos,
e sonhos, e até paixões
que eram imortais...

Porém,

os meus magros dezessete
e os teus catorze morenos
não entram nem em reflexo
nesse Rio do Esquecimento.

Que magia nos levou
a um espaço e a um momento

Jornalista, mestre em Ciências Sociais, doutor em Letras, professor de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia. Dentre seus livros de poemas podemos citar *Heléboro* (1974), *As Sombras Luminosas* (1981, Prêmio Nacional de Poesia Cruz e Sousa), *Memória da Chuva* (1996, Prêmio Ribeiro Couto, da União Brasileira de Escritores), e mais recentemente *A Cidade e os Sonhos* (2003).

para que de nós soubéssemos:
tu, meus magros dezessete;
eu, teus catorze morenos?
Que astúcia do Imponderável
nos abriu aqueles dias
que permanecem tão claros
como quando nos surgiram?
Eu não sei. Mas sei que a vida
nunca mais me foi vazia.

Como não foi fácil, nunca,
por tanto me visitarem
os Arcanjos da Agonia.
Pois, se fui iluminado
por estarmos lado a lado
— os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete —,
seria fatal que também
viesses a sentir a alma
em chagas multiplicadas
por setenta vezes sete.

Ah, os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete!...
Quanto sofrimento fundo
— mas quanto sonho profundo
e alto!

Que belo mundo
foi-me então descortinado,
porquanto me era dado
o privilégio preclaro

que em meus magros dezessete
acendeu a epifania
dos teus catorze morenos!

Reflexões ao crepúsculo

Foi-se o que era alegre e lindo
e veio o que é triste e torvo.
Veio e ficou, frio infindo
como um nunca mais de corvo.

Mas o que existe de infindo?
De nunca mais? O estorvo
pior também se vai, fugindo
como nas asas de um corvo.

E eis que o que é alegre e lindo
exorciza o triste e o torvo.
Mas também não é infindo,
como um nunca mais de corvo.

E assim faz-se a vida: indo
tanto em penugem de corvo
como em alegria abrindo
manhãs no que era torvo.

E quando, um dia, for findo
o prélio entre o lindo e o torvo,
tudo será mesmo infindo,
mais que um nunca mais de corvo.

*In Angello cum Libello**a Antonio Carlos Secchin*

Nunca me procurem
aqui, neste canto.
Pois, se aqui estou,
não estou, no entanto.

Na verdade, aqui
há só a aparência
de alguém que se vai
longe em sua essência.

Longe como estão
os sábios, as fadas
e – encobertas Ilhas –
as Afortunadas.

Porque, neste canto,
só não sou alheio
ao que vou sonhando
naquilo que leio;

aos sonhos que sonham
seus sonhos em mim,
contando de mundos
e almas, sem fim.

Por isso não falem,
porque eu nada escuto.

Envolto no Tempo
e no Espaço, luto

as lutas do bem
e do mal dos homens
– conflagrados de anjos
e de lobisomens –,

nos cumes da noite,
nos vales do dia,
sobretudo onde
ressoe a Poesia.

Quem quiser seguir-me
(caso haja esse ardor)
que desfralde o seu
tapete voador

e voe nas palavras
ao mundo dos vivos.
Quem sabe me encontre
em prélios de argivos,

entre santos ou
com os garamantas,
no sonho de um sonho
às páginas tantas...

Soneto noturno

Penso na noite como um rio profundo
e lembro coisas deste e de outro mundo.
Outros mundos, aliás, que a vida é vasta
como diversa. E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas
nas nuvens da alma, e que nos são vividas
com tanta força quanto as outras mais,
em seus sonhos de agora e de jamais

(ou melhor: com mais força, pois estamos
ainda mais vivos no que nos sonhamos).

Penso na noite como um mar sem fim

quebrando sombras sobre o cais de mim.
E, enfim, sem esperanças e sem prece,
pressinto a noite que não amanhece.

Canção do efêmero com passarinho e brisa

É tudo mesmo bem pouco,
pois só há pouco me vi
chegando aqui e encontrando
o que nunca compreendi
– e tanto fiquei perplexo
que duvidei estar aqui.
E nunca acreditaria
se não fosse um passarinho
afirmando: bem-te-vi!

Ainda escuto o seu trinado
garantindo-me o existir.
Mas precária garantia,
como aprendi com a brisa
de que se compõe o dia:
se o tempo passar um pouco,
nada mais que um pouco, logo
não estarei mais aqui.

Vinte sonetos de amor e uma canção de despedida

PETRARCA

Tradução e notas de Pedro Lyra

Os 17 sonetos iniciais pertencem à primeira parte: “In vita di Madonna Laura”; os 3 últimos, à segunda: “In morte di Madonna Laura”.

Para tentar criar um clima de época, o tradutor recorreu a certos termos e construções de sabor arcaizante.

Traduzidos de
Petrarca, Francesco.
Rime. Milano,
Società Editrice
Sonzogno, 1909.
Con l’interpretazione
di Giacomo Leopardi
e con note inedite di
Eugenio Camerine.
Edizione stereotipa,
di Francesco Costèro.

Poeta, crítico e ensaísta, Pedro Lyra é Professor Titular de Poética da Universidade Estadual do Norte Fluminense, em Campos-Rio de Janeiro. Foi “Chercheur Invité” da Universidade de Paris-III/Sorbonne Nouvelle, em 2004-05, onde fez um Pós-Doutorado em Tradução Poética e ministrou um Seminário sobre sua versão de *Les mûts*, de Alfred de Musset, publicada nos números 35 e 38 desta Revista. Sua mais recente publicação é o poema *Confronto – Um diálogo com Deus* (Rio de Janeiro: Íbis Libris, 2005), lançado na ABL a 4.8.2005, com apresentação do acadêmico Alberto da Costa e Silva.

~ Nota sobre o autor

*For a woman he would never know
For a woman he could never have
He should change the world forever*

(Por uma mulher que nunca pôde conhecer
Por uma mulher que nunca pôde ter
Ele mudou o mundo para sempre)

Nascido a 20 de julho de 1304, em Arezzo, Francesco Petrarca foi o maior poeta e o maior humanista do seu tempo.

Tradutor de clássicos gregos, é uma das grandes fontes do Renascimento italiano; e, mesmo distante quatro séculos, também de todo o Romantismo ocidental.

Tinha 23 anos quando, na Sexta-feira Santa 6 de abril de 1327, na igreja de Santa Clara, em Avignon, viu Laura de Noves – então com 17 anos – pela primeira vez. Apaixonou-se e passou o resto da vida escrevendo versos, principalmente em sonetos, para ela, até morrer de um acesso de febre a 18 de julho de 1374, com 70 anos.

Reuniu-os em *Il canzoniere*, que teve uma primeira organização cinco anos depois de Laura, em 1342, e que, passando por dez reescrituras, só seria concluído pouco antes de sua morte. Admitindo-se que tenha começado a escrevê-lo no dia em que a viu, foram 47 anos de poética devoção a um platônico amor. São 366 poemas: 317 sonetos, 29 canções, 9 sextinas, 7 baladas e 4 madrigais. É o livro que consolida o soneto como a forma lírica por excelência (a única forma fixa sobrevivente até hoje), e que acabaria definido pelo nome do autor – o soneto petrarquiano.

Nascida em 1310, em Avignon, Laura havia se casado aos 15 anos com Hugues de Sade (ancestral do Marquês) e com ele teve 11 filhos. Morreu na mesma cidade em 1348, aos 38 anos, num outro 6 de abril e numa outra Sexta-feira Santa, talvez de tuberculose causada pelo enfraquecimento decorrente de tantos partos, durante a peste negra que assolava a Europa.

O poeta estava em Verona e só soube mais de um mês depois. Em seu *Diário*, escreveu: “Seu casto e amável corpo foi enterrado ao anoitecer do mesmo dia na Igreja dos *Minorites*. Sua alma, como eu acredito, retornou ao céu, de onde ela veio”.

Com extraordinária habilidade métrica, explorou a coincidência das datas de encontro e morte da sua Musa, em dois sonetos. A primeira, no CLVII:

*Mille trecento ventisette appunto,
Su l'ora prima, il dì sesto d'aprile
Nel laberinto intrai; n'veggio ond'esca.*

A segunda, no LXII:

*Sai che 'n mille trecento quarantotto,
Il dí sesto d'aprile, in l'ora prima,
Del corpo uscìo quell'anima beata.*

Fiel ao marido, Laura evitou sempre as investidas do seu poeta. Mas, alguns anos depois de sua morte, o humanista Maurice Sceve conseguiu autorização para abrir seu túmulo. Encontrou uma pequena caixa: dentro, havia uma medalha de ouro com a efigie de uma mulher apontando ao coração e, sob ela, um soneto de Petrarca, não identificado.

Alguns petrarquianos, no entanto, questionam a existência real de uma Laura na vida do poeta – fosse a esposa de Hugo de Sade, fosse outra com esse nome. Repetindo a lenda de Dante e Beatriz, não acreditam que ele pudesse envolver-se, ao longo de toda a vida, com uma mulher casada e com tantos filhos de outro homem. Supõem que *Laura* fosse apenas um nome com carga poética (*l'aura, l'aurea, lauro*), simbolizando o amor, a alma ou a própria poesia. Petrarca inicia sete sonetos com o sintagma “L'aura” (qualificada de *celeste, gentil, sacra, serena* e *soave*) e, no CLXXXVIII, funde os três termos: “Laura, che 'l verde lauro e l'aureo crine”...

Mas os fatos e as datas que ele mesmo menciona em relação a Laura de Noves estão comprovados.

Sonetto I

Chiede compassione del suo stato,
e confessa, pentito, la vanità del suo amore¹

*Voi ch'ascoltate in rime sparse il suono
Di quei sospiri ond'io nudriva 'l core
In sul mio primo giovenile errore,
Quand'era in parte altr'uom da quel ch'i' sono;*

*Del vario stile, in ch'io piango e ragiono
Fra le vane speranze e 'l van dolore,
Ove sia chi per prova intenda amore,
Spero trovar pietà, non che perdono.*

*Ma ben veggì or si come al popol tutto
Favola fui gran tempo, onde sovente
Di me medesimo meco mi vergogno:*

*E del mio vaneggiar vergogna è 'l frutto,
E 'l pentersi, e 'l conoscer chiaramente
Che quanto piace al mondo è breve sogno.*

¹ Soneto traduzido livremente por Camões (sem indicação de autoria, como era comum na época), e que abre a primeira edição das *Rhytmas* (Lisboa, 1585).

Soneto I

*Pede compaixão pelo seu estado
e confessa, arrependido, a vanidade do seu amor²*

Vós que em rimas, brotando ao coração,
Ouvistes dos suspiros o rumor
Do meu primeiro e juvenil error,
Quando era outra a minha condição;

Aos versos, em que choro sem razão
Entre a vã esperança e o vão temor,
Onde haja quem por prova entenda amor,
Espero achar piedade, não perdão.

E, a toda a gente, só agora vejo
Que fui causa de riso, tão-somente,
Do que comigo mesmo me envergonho.

E é a vergonha o fruto do desejo,
E o carpir, percebendo claramente
Que quanto apraz ao mundo é breve sonho.

² Versão publicada no *Correio da Poesia*, n.º 7. Salvador, jul. 2004, p. X.

Sonetto III

Giudica vile Amore che lo ferì
in un giorno da non doverne sospettare

*Era 'l giorno ch'al Sol si scoloraro
Per la pietà del suo Fattore i rai
Quand'i' fui preso, e non me ne guardai,
Che i be' vostr'occhi, Donna, mi legaro.*

*Tempo non mi pareva da far riparo
Contra colpi d'Amor: però m'andai
Secur, senza sospetto; onde i miei guai
Nel commune dolor s'incominciaro.*

*Trovommi Amor del tutto disarmato,
Ed aperta la via per gli occhi al core,
Che di lagrime son fatti uscio e varco.*

*Però, al mio parer, non li fu onore
Ferir me de saetta in quello stato,
E a voi armata non mostrar pur l'arco.*

Soneto III

*Julga vil o Amor por havê-lo ferido
num dia em que não suspeitava disso*

Era o dia em que ao Sol descoloraram
Os raios, por piedade do Criador.
Fiquei cativo e, sem nenhum temor,
Os teus divinos olhos me enlearam.

Aqueles tempos não se afiguraram
Como o dos golpes do tirano Amor.
Andava sem suspeita e a minha dor
Essas dores comuns desfiguraram.

Pegou-me o Amor de todo desarmado.
E, na via do olho ao coração,
Só lágrimas, no íntimo e no olhar.

Não lhe foi digno, em minha opinião,
Com setas me ferir naquele estado
E a ti, armada, o arco não mostrar.

Sonetto XII

Spera, se egli non muore prima che Laura invecchi,
di poterle dire i suoi affanni, e ch'ella n'abbia a sentire pietà³

*Se la mia vita da l'aspro tormento
Si può tanto schermire, e dagli affanni,
Ch'i' veggia per virtù degli ultim'anni,
Donna, dei bei vostri occhi il lume spento;*

*E i cape' d'oro fin farsi d'argento,
E lassar le ghirlande e i verdi panni,
E 'l viso scolorir, che ne' miei danni
A lamentar mi fa pauroso e lento;*

*Pur mi darà tanta baldanza Amore,
Ch'i'vi scoprirò, de' miei martiri
Qua' sono stati gli anni e i giorni e l'ore.*

*E se 'l tempo è contrario ai be' desiri,
Non fia ch'almen non giunga al mio dolore
Alcun soccorso di tardi sospiri.*

³ Este soneto ecoa no “Se as penas com que amor tão mal me trata” de Camões e no “Já, Marfisa cruel, me não maltrata” de Basílio da Gama.

Soneto XII

*Espera, se não morrer antes que Laura envelheça, poder dizer-lhe
dos seus tormentos, e que ela tenha que sentir piedade dele*

Se a minha vida, do áspero tormento
Puder se redimir, e dos afanos;
Que eu veja, por virtude de outros anos,
O teu sublime olhar de lume isento;

E esse cabelo de ouro feito argento;
E desfeita a guirlanda e os verdes panos;
E o rosto descorado, que a meus danos
A lamentar me faz medroso e lento:

Então, dar-me-á tanto ímpeto este Amor
Que eu te revelarei, dentre martírios,
Os anos, dias, horas deste error.

E se o tempo é contrário a meus delírios,
Não faças por negar-se à minha dor
O tardio socorro de uns suspiros.⁴

⁴ O original se traduziria naturalmente, ao pé da letra, por “Algum socorro de tardos suspiros”, mantendo-se o ritmo do decassílabo provençal. Mas o tradutor preferiu evitar a falha métrica.

Sonetto XIII

É lieto che l'amore di Laura il sollevi al Bene sommo

*Quando fra l'altre donne ad ora ad ora
Amor vien nel bel viso di costei;
Quanto ciascuna è men bella di lei
Tanto cresce il desio che m'innamora.*

*I' benedico il loco e 'l tempo e l'ora
Che si alto miraron gli occhi miei,
E dico: Anima, assai ringraziar dei
Che fosti a tanto onor degnata allora.*

*Da lei ti vien l'amoroso pensiero,
Che, mentre 'l segui, al sommo Bem t'invia,
Poco prezando quel ch'ogni uom desia:*

*Da lei vien l'animosa leggiadria
Ch'al Ciel ti scorge per destro sentiero;
Si ch'i' vo già della speranza altiero.*

Soneto XIII

Contente por elevá-lo o amor de Laura ao sumo Bem

Quando, entre outras mulheres, qualquer hora,
O Amor desponta pela face delas,
Quanto ela é mais que as outras todas bela,
Tanto cresce o querer que me enamora.

Eu bendigo o lugar e o tempo e a hora⁵
Em que meus olhos se cravaram nela.
E digo: “Alma, te agradece a ela
Por esta honra que te eleva agora.”

Dela te vem a idéia apaixonada
Que, por segui-la, ao sumo Bem te envia,
Pouco prezando o que um qualquer queria.

Dela é que te provém esta euforia
Que ao Céu te ergue pela justa estrada
Pela qual vou com uma esperança alada.⁶

⁵ A repetição do termo em posição de rima, além de justificável pela variação de função, segue o original. Evidente que as aspas, a seguir, são do tradutor.

⁶ O esquema de rimas dos tercetos (A-B-B / B-A-A) é incomum e o tradutor o manteve.

Sonetto XVII

Che provi in presenza di Laura o nel partirsi da lei

*Piovonmi amare lagrime dal viso,
Con un vento angoscioso di sospiri,
Quando in voi adivien che gli occhi giri,
Per cui sola dal mondo i' son diviso.*

*Vero è che 'l dolce mansueto riso
Pur acqueta gli ardenti miei desiri,
E mi sottragge al foco de' martiri,
Mentr'io son a mirarvi intento e fiso:*

*Ma gli spiriti miei s'aggiaccian poi
Ch i' veggio, al dipartir, gli atti soavi
Torcer da me le mie fatali stelle.*

*Largata al fin con l'amorose chiavi
L'anima esce del cor per seguir voi:
E con molto pensiero indi si svelle.*

Soneto XVII

O que prova em presença de Laura ou ao se afastar dela

Corre-me à face o pranto, de desgosto,
A um vento angustiado, de lamentos,
Quando voltas o olhar em giros lentos,
Tu, que fora do mundo me tens posto.

Porém, do teu sorriso o doce gosto
Também me acalma os fêrvidos intentos;
E subtrai-me ao foco dos tormentos
Enquanto estou a contemplar teu rosto.

Meus espíritos tombam ao partir,
Pois que vejo, ao partir, gestos suaves
Minha má sorte sobre mim verter.

Largada ao fim com as amorosas chaves,
A alma me sai do ser p'ra te seguir⁷
E só com muito empenho torna ao ser.

⁷ Escolhi este soneto por causa deste verso, que citei em tradução como uma das epígrafes da “Folha de Créditos” de *Desafio – Uma poética do amor* (3.^a ed.: Fortaleza/Rio, Ed. UFC/Topbooks, 2002).

Sonetto XXI

Dimostra il pericolo del suo cuore se Laura nol soccorre

*Mille fiate, o dolce mia guerrera,
Per aver co'begli occhi vostri pace,
V'aggio profferto il cor; m'a voi non piace
Mirar si basso con la mente altera:*

*E se di lui fors'altra donna spera,
Vive in speranza debile e fallace:
Mio, perchè sdegno ciò ch'a voi dispiace,
Esser non può giammai così com'era.*

*Or s'io lo scaccio, ed e'non trova in voi
Nell'esilio infelice alcun soccorso,
Nè sa star sol, nè gire ov'altri 'l chiama,*

*Poria smarrire il suo natural corso;
Che grave colpa fia d'ambeduo noi,
E tanto più di voi, quanto più v'ama.⁸*

⁸ Mais outros tercetos com esquema de rimas incomum, igual ao do soneto anterior.

Soneto XXI

Mostra o perigo que corre seu coração, se Laura não o socorre

Milhões de vezes, minha doce fera,
Para com os olhos teus viver em paz,
Te abri meu coração, mas não te apraz
Tão baixo olhar com fronte tão austera.

E se por ele uma outra ainda espera,
Vive num sonho débil e falaz:
Meu, pois desprezo o que te desapraz,
Não pode ser jamais como antes era.

Ou se o arranco, porque não possua
Neste exílio infeliz algum recurso,
Nem resta só nem ouve a quem o chama,

Podia se truncar seu livre curso;
Do que seria a culpa minha e tua,
Mas tua tanto mais quão mais te ama.

Sonetto XVIII

Essendo Laura pericolosamente inferma, egli si consola considerando il felice stato di lei dopo la morte

*Quest'anima gentil, che si diparte,
Anzi tempo chiamata all'altra vita,⁹
Se lassuso è, quant' esser de', gradita,
Terrà del ciel la più beata parte.*

*S'ella riman fra 'l terzo lume e Marte,
Fia la vista del Sole scolorita;
Poi ch'a mirar sua bellezza infinita
L'anime degne intorno a lei fien sparte.*

*Se si posasse sotto 'l quarto nido,
Ciascuna delle tre saria men bella,
Ed essa sola avria la fama e 'l grido.*

*Nel quinto giro non abitereb' ella;
Ma se volta piu alto, assai mi fido,
Che con Giove sia vinta ogni altra stella.*

⁹ Os dois versos iniciais são unanimemente apontados pela crítica como possível fonte do mais famoso soneto de Camões: “Alma minha gentil, que te partiste / Tão cedo deste corpo, descontente”...

Soneto XVIII

*Estando Laura gravemente enferma, ele se consola
considerando seu estado feliz depois da morte*

Esta alma gentil, que se deposite,
Chamada antes da hora à outra vida,
Se é lá no além, como era aqui, querida,
Terá do céu a mais bendita parte.

Se ela ficasse dentre a Terra e Marte,
Faria a luz do Sol descolorida;
Pois que a mirar-lhe a graça tão subida,
Toda alma digna, em torno a ela, parte.

Se sob o quarto ninho ela pousasse,
Qualquer das três seria menos bela
E fama e voz talvez só ela achasse.

No quinto giro não pousara ela;
Porém, se ela a mais alto erguesse a face,
Venceria com Jove a toda estrela.

Sonetto XIX

Non attende pace, nè disinganno del suo amore,
se non che dalla morte

*Quanto più m'avvicino al giorno estremo,
Che l'umana miseria suol far breve,
Più veggio 'l tempo andar veloce e leve,
E 'l mio di lui sperar fallace e scemo.*

*I' dico a' miei pensier: non molto andremo
D'amor parlando omai; che 'l duro e greve
Terreno incarco, come fresca neve,
Si va struggendo; onde noi pace avremo.*

*Perchè com lui cadrà quella speranza
Che ne fe vaneggiar sì lungamente,
E 'l riso e 'l pianto e la paura e l'ira.*

*Si vedrem chiaro poi come sovente
Per le cose dubbiose altri s' avanza;
E come spesso indarno si sospira.*

Soneto XIX

*Não espera paz nem desengano do seu amor,
mas apenas da morte*

Quanto mais me aproximo ao dia voraz,
O que a humana miséria torna breve,
Mais vejo o tempo andar veloz e leve,
E o meu, só de o esperar, vago e falaz.

E digo a mim: “Não andaremos mais
Falando assim de amor; já me não serve
Este terrestre fardo: como neve,
Vai definhando, e então teremos paz.”¹⁰

Com ele tombará esta esperança,
Que nos fez vaguear tão longamente,
E a lágrima e o sorriso e o medo e a ira.

Veremos claro, então, como freqüente
Por algo incerto alguém ainda se lança,
E como tanto e à toa se suspira.

¹⁰ Novas aspas do tradutor.

Sonetto XXII

Vive nei luoghi solitari per non iscoprire l'amore
portato da lui a Laura, ma ha sempre amore in sua compagnia

*Solo e pensoso i più deserti campi
Vo misurando a passi tardi e lenti;
E gli occhi porto, per fuggir, intenti,
Dove vestigio uman l'arena stampi.*

*Altro schermo non trovo che mi scampi
Dal manifesto accorger delle genti;
Perchè negli atti d'allegrezza spenti
Di fuor si legge com'io dentro avvampi.*

*Si ch'io mi credo omai che monti e piagge
E fiumi e selve sappian di che tempre
Sai la mia vita, ch'è celata altrui.*

*Ma pur sì aspre vie nè sì selvagge
Cercar non so, ch'Amor non venga sempre
Ragionando con meco, ed io con lui.*

Soneto XXII

*Vive em lugares desertos para não revelar o amor
dedicado a Laura, mas tem sempre o amor em sua companhia*

Só, pensativo, ao ponto o mais insano,
Vou sondando, com passo tardo e lento;
E, por fugir, levanto o olhar atento
Aonde encontre qualquer rastro humano.

Da acolhida das gentes, ante o dano,
Não tenho outra opção e não me isento;
Que em todo ato de alegria isento,
De fora vêem-me dentro ao meu engano.

Porque eu creio que praias e penedos
E rios e florestas – tudo explique
Qual seja o meu viver, e a razão dele.

Mas de rumos tão ásperos e tredos
Não sei livrar-me, sem que Amor não fique
Implicando comigo – e eu com ele.

Sonetto XXIII

Desidera che Amore o infermità l'aggravi tanto che ne muora,
e rende ragione, perchè egli con le sue mani non s'uccida

*S'io credessi per morte essere scarco
Del pensier amoroso che m'atterra,
Con le mie mani avrei già posto in terra
Queste membra noiose e quello incarco.*

*Ma perch'io temo che sarebbe un varco
Di pianto in pianto e d'una in altra guerra,
Di qua dal passo ancor che mi si serra,
Mezzo rimango, lasso, e mezzo il varco.*

*Tempo ben fora omai d'aver spinto
L'ultimo stral la dispietata corda,
Nell'altrui sangue già bagnato e tinto.*

*Ed io ne prego Amore, e quella sorda,
Che mi lassò de'suoi color dipinto,
E di chiamarmi a se non le ricorda.*

Soneto XXIII

*Deseja que Amor ou enfermidade o afetem tanto que ele morra,
e lhe dá razão, porque ele, por suas mãos, não se suicida*

Se eu pela morte fosse libertado
Desta idéia amorosa que me aterra,
Já teria com as mãos posto por terra
Estes pesados membros e este fardo.

Mas, pois temo que fosse condenado,
De pranto em pranto, a uma e a outra guerra,
Deste passo fatal, que em si me cerra,
Fico meio liberto e meio atado.

Já era tempo de me haver destinto
O último astral o arco distendido,
Em outro sangue, já, turvo e retinto.

E invoco o Amor e a desmemoriada
Que assim de sua cor deixou-me tinto
E de chamar-me a si não é lembrada.

Sonetto XXXIX

Benedice tutto ciò che fu cagione od effetto
del suo amore verso di lei

*Benedetto sia 'l giorno e 'l mese e l'anno
E la stagione e 'l tempo e l'ora e 'l punto¹¹
E 'l bel paese e 'l loco ov'io fui giunto
Da' duo begli occhi, che legato m' hanno:*

*E benedetto il primo dolce affanno
Ch'i' ebbi ad esser com Amor congiunto,
E l'arco e le saette ond'io fui punto
E le piaghe ch'infino al cor mi vanno.*

*Benedette le voci tante ch'io,
Chiamando il nome di mia Donna, ho sparte,
E i sospiri e le lagrime e 'l desio;*

*E benedette sian tutte le carte
Ov'io fama le acquisto, e 'l pensier mio,
Ch' è sol di lei, si ch'altra non v'ha parte.*

¹¹ Provável alusão à igreja de Santa Clara, em Avignon, onde Petrarca viu Laura pela primeira vez. Vide Nota de apresentação.

Soneto XXXIX

*Bendiz tudo que foi razão ou efeito
do seu amor por ela*

Bendito seja o dia e o mês e o ano
E a região e o tempo e a hora e a estação
E o belo ponto, que se fez prisão
A uns belos olhos, causa do meu dano.

E bendito o primeiro e doce arcano
Com que Amor me reteve em sua visão.
E o arco e as setas, rumo ao coração,
Que me mantêm cativo em meu engano.

E bendita a palavra solta ao vento
Em que o chamar por ela me consuma,
E os suspiros e os prantos e o tormento.

E benditos os versos – tudo, em suma,
Com que fama ganhei; e o pensamento,
Que é todo dela, só, de mais nenhuma.

Sonetto XLV

Conferma per esperienza nuova quello che piú volte aveva
ancora pur per esperienza saputo, cioè che egli per niuna via
non si può liberar da amore

*Ben sapev'io che natural consiglio,
Amor, contra di te giammai non valse
Tanti lacciuol, tante impromesse false,
Tanto provato avea 'l tuo fero artiglio.*

*Ma novamente (ond'io mi meraviglio)
Dirol, come persona a cui ne calse,
E che 'l notai là sopra l'acque salse,
Tra la riva Toscana e l'Elba e 'l Giglio.*

*L'fuggia le tue manti, e per cammino,
Agitandom'i venti e 'l cielo e l'onde
M'andava sconosciuto e pellegrino;*

*Quand'ecco i tuoi ministri (i' non so donde),
Per darmi a diveder cb'al suo destino
Mal chi contrasta e mal chi si nasconde.*

Soneto XLV

*Confirma, por nova experiência, o que já sabia
por muitas outras, isto é: que de maneira alguma
ele se pode libertar do amor*

Eu bem sabia, da natura humana,
Que contra ti, Amor, nada podia:
Tanta promessa, tanta fantasia,
Tudo provei da tua força insana.

Mas novamente (e isso já não me engana)
Direi, como pessoa que o sentia
E por ter percorrido a salsa via,
Por entre o Giglio e o Elba até a Toscana:

Fugia ao teu alcance e, no caminho,
Agitado por ventos, céus e ondas,
Andava ignorado e peregrino.

E eis surgem teus ministros (não sei donde)
Para me demonstrar que, a seu destino,
Erra quem nega e erra quem se esconde.¹²

¹² A desviar-se muito dos termos do poeta, o tradutor recorreu à rima toante nos tercetos. E manteve fidelidade tanto fonológica quanto lexicológica ao original.

Sonetto XLVIII

Sonetto composto probabilmente in occasione di qualche sdegno nato fra il Poeta e Laura, e indirizzato ad un amico lontano

*Amor con sue promesse lusingando
Mi ricondusse alla prigione antica,
E diè le chiavi a quella mia nemica,
Ch'ancor me di me stesso tene in bando.*

*Non me n'avvidi, lasso, se non quando
Fui in lor forza; ed or com gran fatica
(Chi 'l crederà, perchè giurando il dica?)
In libertà retorno sospirando.*

*E come vero pregioniero afflito,
Delle catene mie gran parte porto;
E 'l cor negli occhi e nella fronte ho scritto.*

*Quando sarai del mio colore accorto
Dirai: s'i' guardo e giudico bem dritto,
Questi avea poco andare ad esser morto.*

Soneto XLVIII

Soneto composto provavelmente por ocasião de algum atrito entre o Poeta e Laura e endereçado a um amigo distante

O Amor, com suas promessas enganando,
Reconduziu-me a uma prisão antiga
E confiou-lhe as chaves à inimiga,
Que me vem de mim mesmo me exilando.

Não percebi, exausto, senão quando
Senti-me preso a ela; e, de fadiga,
(Quem acredita, inda que em jura o diga?)
Retorno à liberdade, suspirando.

E, como um vero prisioneiro aflito,
De minhas grades porto uma porção,
A alma nos olhos e na frente escrito:

“Quando entenderes minha situação,
Dirás: *Se eu julgo bem, sem contradito,*
Bem próximos do fim eles estão.”¹³

¹³ Não só as aspas mas também os grifos são do tradutor.

Sonetto LXXXVIII

Scrive una battaglia di pensieri, che sente dentro
il suo cuore, per lo stato che si trovava

*S'amor non è, che dunque è quel ch' i' sento?
Ma s'egli è amor, per Dio, che cosa e quale?
Se buona, ond' è l'effetto aspro mortale?
Se ria, ond' è sì dolce ogni tormento?*

*S' a mia voglia ardo, ond' è 'l pianto e 'l lamento?
S' a mal mio grado, il lamentar che vale?
O viva morte, o diletto male,
Come puoi tanto in me s'io no 'l consento?*

*E s' io 'l consento, a gran torto mi doglio.
Fra sì contrari venti, in frale barca
Mi trovo in alto mar, senza governo,*

*Si lieve di saver, d'error si carica,
Ch' i' medesimo non so quel ch' io mi voglio,
E tremo a mezza state, ardendo il verno.¹⁴*

¹⁴ Outros tercetos com esquema de rimas incomum (A-B-C / B-A-C).

Soneto LXXXVIII

*Descreve uma guerra de pensamentos, que sente dentro
de seu coração, pelo estado em que se encontrava*

Se amor não é, que é este sentimento?
Mas, se é amor, por Deus, que coisa é tal?
Se boa, por que efeito tão fatal?
Se má, por que tão doce o seu tormento?

Se ardo a gosto, por que é que me lamento?
Se a contragosto, o lamentar que val'?
Ó viva morte, ó deleitoso mal,
Quanto podés sem meu consentimento?

E, se o consinto, à força é que me aturo.
Contra tão forte vento, em frágil barco,
Me encontro em alto-mar, e o não governo,

Tão pobre de saber, de errar tão fraco,
Que eu mesmo já não sei o que procuro.
E tremo no verão e ardo no inverno.

Sonetto XC

Scrive lo stato nel quale si trova per cagione di Laura.
Ne'primi otto versi dice che è incerto se sia amato o no.
Negli altri, dice che è ridotto a pessimo stato

*Pace non trovo, e non ho da far guerra;
E temo e spero, ed ardo, e son un ghiaccio;
E volo sopra 'l cielo, e giaccio in terra;
E nulla stringo, e tutto 'l mondo abbraccio.*

*Tal m' ha in prigion che non m'apre nè serra,
Nè per suo mi ritien nè scioglie il laccio;
E non m'ancide Amore e non mi sferra,
Nè mi vuol vivo nè mi trae d'impaccio.*

*Veggio senz' occhi; e non ho lingua, e grido:
E bramo di perir, e cheggio aita;
Ed ho in odio me stesso, ed amo altrui:*

*Pascomi di dolor; piangendo rido;
Eguamente mi spiace morte e vita.¹⁵
In questo stato son, Donna, per voi.*

¹⁵ Escolhi este soneto por causa deste verso, que utilizei como uma das epígrafes da 5.ª parte do meu primeiro livro (*Sombras*. Fortaleza, Ed. do A., 1967).

Soneto XC

Descreve o estado em que se encontra por causa de Laura.

Nos oito primeiros versos diz que é incerto se é amado ou não.

Nos outros, diz que está reduzido a péssimo estado

Não tenho paz nem hei de fazer guerra.
E temo e espero, e ardo — é um fracasso.
E vôo pelo céu e tombo em terra;
Nada detenho e ao mundo inteiro abraço.

Prisão que não se abre nem se cerra,
Nem me retém nem me desata o laço;
E o Amor não me conforta nem me aferra,
Não me quer vivo e dele não me esfaço.

Vejo sem olhos e sem língua grito;
Clamo em receio e imploro por guarida,
Amando aos outros, de mim mesmo odiado.

Rio a chorar, com as penas me divirto;
Igualmente me enojam morte e vida.
É por ti que me encontro neste estado.¹⁶

¹⁶ Este soneto repercute no “Tanto do meu estado me acho incerto” de Camões.

Sonetto CVIII

Loda il volto, i capelli e le virtù di Laura: soggiunge che altri non sa che sia divina bellezza, se non chi ha veduto gli occhi di lei, nè la vita nè la morte amorosa se non chi l'ha veduta sospirare, parlare e ridere

*In qual parte del Ciel, in quale idea
Era 'l'empio onde Natura tolse
Quel bel viso leggiadro, in ch'ella volse
Mostrar quaggiù quanto lassù potea?*

*Qual ninfa in fonti, in selve mai qual Dea
Chiome d'oro si fino a l'aura sciolse?
Quand'un cor tante in se virtuti accolse?
Benchè la somma è di mia morte rea.*

*Per divina bellezza indarno mira
Chi gli occhi di costei giammai non vide,
Come soavemente ella gli gira.*

*Non sa com' Amore sana e come ancide,
Chi non sa come dolce ella sospira,
E come dolce parla e dolce ride.¹⁷*

¹⁷ Este soneto de Petrarca a Laura ecoa o mais famoso de Dante a Beatriz: “*Tanto gentile e tanto onesta pare / La donna mia...*”

Soneto CVIII

Elogia o vulto, os cabelos e as virtudes de Laura. Acrescenta que os outros não sabem o que seja a beleza divina se não viram os olhos dela, nem a vida nem a morte por amor se não a viram suspirar, falar e sorrir

Em que parte do Céu, em que aporia,
Tomou de que modelo a Natureza
O rosto em que ela quis, com tal beleza,
Mostrar aqui quanto por lá podia?

Que ninfa em fonte, em que floresta Deusa,
Bela como ouro fino, surge ao dia?
Se de si tais virtudes irradia?
A soma disso é a morte sem defesa.

Por divino esplendor em vão se atira
Quem nunca nos seus olhos se redime
Nem suave sentiu como ela os gira.

Não sabe como Amor mata ou exime
Quem não sabe quão doce ela suspira,
Como doce sorri, doce se exprime.

Sonetto CCIII

Le donne che vogliono imparar le virtù,
mirino fise negli occhi di Laura

*Qual donna attende a gloriosa fama
Di senno, di valor, di cortesia,
Miri fiso negli occhi a quella mia
Nemica, che mia donna il mondo chiama.*

*Come s'acquista onor, come Dio s'ama,
Com' è giunta onestà com leggiadria,
Ivi s'impara, e qual è dritta via
Di gir al Ciel, che lei aspetta e brama.*

*Ivi 'l parlar che nullo stile agguaglia,
E 'l bel tacere, e quei santi costumi
Cb' ingegno uman non può spiegar in carte.*

*L'infinita bellezza, cb'altrui abbaglia,
Non vi s'impara; che quei dolci lumi
S'acquistan per ventura e non per arte.*

Soneto CCIII

*As mulheres que quiserem assimilar as virtudes,
olhem bem nos olhos de Laura*

Outra mulher que espere ter a fama
De valor, compostura e costesia,
Fixe os olhos na que me contraria
E que de minha Dama o mundo chama.

Como honra se conquista, e a Deus se ama;
Como honradez se funde com alegria;
Onde se aprende, e qual a justa via
Para o Céu, que ela espera e que reclama;

Onde o falar, que estilo algum iguala;
E o silenciar; e aqueles bons costumes
Que o pobre engenho humano não reparte;

A beleza imortal, que a outros abala,
Isso não se adquire: os doces lumes
Se conquistam por Sorte e não por Arte.

Sonetto I

Lamenta i beni perduti per la morte di Laura e si volge poi all'anima di lei dicendole che a lui tocca più di piangere che agli altri, che fu amato da lei, e se n'avvide alle promesse fattegli quando si partì da lei, le quali per questa morte sono tornate vane

*Oimè il bel viso, oimè il soave sguardo,
Oimè il leggiadro portamento altero,
Oimè 'l parlar ch'ogni aspro ingegno e fero
Faceva umile, ed ogni uom vil, gagliardo;*

*Ed oimè il dolce riso ond'uscìo 'l dardo
Di che morte, altro bene omai non spero;¹⁸
Alma real, dignissima d'impero,
Se non fossi fra noi scesa si tardo;*

*Per voi conven ch'io arda e 'n voi respire:
Ch'i'pur fui vostro; e se di voi son privo,
Via men d'ogni sventura altra mi dole.*

*Di speranza m'empieste e di desire
Quand'io parti'dal sommo piacer vivo;
Ma 'l vento ne portava le parole.*

¹⁸ Esta expressiva série anafórica de “oimè” parece ecoar na equivalente de “ai” da belíssima canção de Espronceda “À morte de Tereza”.

Soneto I

Lamenta os bens perdidos pela morte de Laura e se volta depois à alma dela, dizendo-lhe que ele tem de chorar mais do que os outros, que foi amado por ela, e se reporta às promessas a ela feitas quando dela se despediu, as quais, por sua morte, tornaram-se inúteis

Ai, aquele rosto; ai, aquele porte;
Ai, aquele olhar; ai, aquela voz,
Tão alegre e serena para nós
Que a todos nós humanizava a sorte;

E ai, o doce sorriso, de que a sós
Outro bem não espero do que a morte;
Alma real, que a toda a honra importe,
Se não surgisse tanto tempo após:

É preciso que em ti arda e respire,
Pois eu também fui teu; e, se me privo,
Minha dor de outra fonte não brotava.

Eu já não tenho mais em que me inspire,
Após partir do sumo gozo vivo.
Mas o vento as palavras dispersava.

Sonetto III

Morta Laura, gli piacque un'altra donna, della quale era forse per innamorarsi, se non ch'ella morì; e per conseguenza fu un'altra volta liberato da Amore

*L'ardente nodo ov'io fui d'ora in ora,
Contando anni ventuno interi, preso,
Morte disciolse: nè giammai tal peso
Provai; nè credo ch'uom di dolor mora.*

*Non volendomi Amor perder ancora,
Ebbe un altro lacciul fra l'erba teso,
E di nov'esca un altro foco acceso,
Tal ch'a gran pena indi scampato fora.*

*E se non fosse esperienza molta
De' primi affanni, i'sarei preso ed arso
Tanto più quanto son men verde legno.*

*Morte m'ha liberato un'altra volta,
E rotto 'l nodo, e 'l foco há spento e sparso;
Contra la qual non val forza nè 'ngegno.*

Soneto III

*Morta Laura, outra mulher o atraí, pela qual estava talvez se apaixonando,
quando ela morreu; em consequência, livrou-se do Amor mais uma vez*

O ardente nó em que eu, que hora for,
Estive, vinte e um anos, sempre preso,
A morte desfez; e não provei seu peso.
Não creio mais que alguém morra de dor.

Mas, não querendo me perder, o Amor
Expôs-me a um outro sonho, e não ileso.
E de novo atirou-me a um fogo aceso,
Quando me achava fora desse error.

Se já não fora muito experiente
De outro suplício, estava condenado,
E tanto mais quão menos verde o lenho.

A morte libertou-me, novamente.
Rompido é o nó e o fogo dissipado.
Contra isso, nem força nem engenho.

Sonetto LXXXVII

Grandezza del danno ricevuto per la morte di Laura.
Prima pone i beni e le consolazioni, che in vita prendeva,
poi il danno che ne seguì

*Spirto felice, che si dolcemente
Volgei quegli occhi più chiari che 'l sole,
E formavi i sospiri e le parole
Vive ch'ancor mi sonan nella mente,*

*Già ti vid'io d'onesto foco ardente
Mover i piè fra l'erbe e le viole,
Non come donna ma com'angel sole,
Di quella ch'or m'è più che mai presente;*

*La qual tu poi, tornando al tuo Fattore,
Lasciasti in terra, e quel soave velo
Che per alto destin ti venne in sorte.*

*Nel tuo partir parti dal mondo Amore
E Cortesia, e 'l Sol cadde del cielo,
E dolce incominciò farsi la Morte.*

Soneto LXXXVII

*Grandeza do dano recebido pela morte de Laura.
Primeiro mostra os bens e as consolações que tinha em vida,
depois o dano que se seguiu*

Espírito feliz, que docemente
Volvia os olhos, claros mais que lumes,
E formava as palavras e os queixumes,
Tão vivos qu'inda vibram em minha mente,

Eu já te vi, em chama honesta e ardente,
Mover os pés, na relva entre perfumes,
E não como mulher, mas como Lume,
Da que jamais p'ra mim será presente.

A qual depois, tornando ao teu Feitor,
Deixaste em terra, e aquele fino véu
Que o destino legou à tua sorte.

No teu partir, partiu do mundo Amor,
E Cortesia, e o Sol tombou do céu,
E começou a ficar doce a Morte.

Canzone I

In morte di Madonna Laura

*Che debbo io far? che mi consigli, Amore?
Tempo è ben di morire;
Ed ho tardato più ch'i' non vorrei.
Madonna è morta; ed há seco 'l mio core;
E volendol seguire,
Interromper conven quest'anni rei;
Perchè mai veder lei
Di qua non spero; e l'aspettar m'è noia;
Poscia ch'ogni mia gioia,
Per lo suo dipartire, in pianto è volta,
Ogni dolcezza di mia vita è tolta.*

*Amor, tu 'l senti, ond'io teco mi doglio,
Quant'è 'l danno aspro e grave;
E so che del mio mal ti pesa e dole,
Anzi del nostro; perch'ad uno scoglio
A vem rotto la nave,
Ed in un punto n'è scurato il sole.
Qual ingegno a parole
Poria agguagliar il mio doglioso stato?
Abi orbo mondo ingrato!
Gran cagion hai di dever pianger meco;
Che quel ben ch'era in te, perduto hai seco.*

*Caduta è la tua gloria, e tu nol vedi:
Nè degno eri, mentr'ella
Visse quaggiu, d'aver sua conoscenza,*

Canção I

Na morte de Laura

O que fazer, Amor? Que achas, então?
É hora de partir
Mas, de tanto tardar, não quero mais.
Ela é morta. E levou meu coração.
E, querendo-a seguir,
Preciso interromper os dias fatais.
Não espero jamais
Vê-la aqui, e o esperar mais me angustia.
Pois que a minha alegria
Mudou-se em pranto, pela sua partida,
Dissipou-se o sabor da minha vida.

Sentes, amor, onde eu sofro contigo,
Quanto é o mal árduo e grave;
E sei quanto te dóis do dano meu,
Aliás, do nosso; pois a um falso abrigo
Ia perdida a nave
E num instante o sol escureceu.
Quem palavra teceu
Pra poder igualar meu triste estado?
Ai, vil mundo mudado!
Tens que chorar comigo à falta dela:
O bem que tinhas, se perdeu com ela.

Extinta é a tua glória e tu não vês.
Nem eras digno, enquanto
Ela vivia aqui, de a vislumbrar,

*Nè d'esser tocco da'suoi santi piedi;
Perchè cosa si bella
Devea 'l ciel adornar di sua presenza.
Ma io, lasso, che senza
Lei, nè vita mortal nè me stess'amo,
Piangendo la richiamo:
Questo m'avanza di cotanta spene,
E questo solo ancor qui mi mantene.*

*Oimè, terra è fatto il suo bel viso,
Che solea far del cielo
E del ben di lassù fede fra noi.
L'invisibil sua forma è in paradiso,
Disciolta di quel velo
Che qui fece ombra al fior degli anni suoi
Per rivestirsen poi
Un' altra volta, e mai più non spogliarsi;
Quand'alma e bella farsi
Tanto più la vedrem, quanto più vale
Sempiterna bellezza che mortale.*

*Più che mai bella e più leggiadra donna
Tornami inmanzi, come
Là dove più gradir sua vista sente.
Quest'è del viver mio l'una colonna,
L'altra è 'l suo chiaro nome,
Che sona nel mio cor si dolcemente.
Ma tornandomi a mente
Che pur morta à la mia speranza, viva
Allor ch'ella floriva.
Sa ben Amor qual io divento, e (spero)
Vedel colei ch'è or si presso al vero.*

De ser tocado por seus santos pés;
Porque com tal encanto
Devia o céu, de sua presença, ornar.
Sem ela, eu que a penar
Nem a mim mesmo nem à vida amo,
Chorando em vão a chamo:
Isto de imensa mágoa me transporta
Mas é só isto o que ainda me conforta.

Ai de mim, fez-se pó o seu sorriso,
Que fazia do céu
E do bem lá do alto uma razão.
Sua essência já está no paraíso,
Livre daquele véu
Que aqui fez sombra à flor do coração,
Pra revesti-lo então
Uma outra vez e o nunca mais despir.
Quando assim se exhibir,
Tanto a veremos mais quão vale mais
A beleza do Além que a dos mortais.

Mais bela do que nunca e mais feliz
Mostra-se agora, como e
Lá onde aprazer mais sua vista sente.
Que isto é do meu viver uma raiz;
A outra é seu claro nome,
Que soa ao coração tão docemente.
Mas, tornando-me à mente,
Embora morta a meu anseio, viva,
Como se rediviva.
Bem sabe Amor como fiquei, e (espero)
Ver quem agora está bem junto ao vero.

*Donne, voi che miraste sua beltate
E l'angelica vita
Con quel celeste portamento in terra,
Di me vi doglia e vincavi pietate,
Non di lei, ch'è salita
A tanta pace, e me ha lasciato in guerra;
Tal che s'altri mi serra
Lungo tempo il cammin da seguitarla,
Quel ch'Amor meco parla,
Sol mi riten ch'io non recida il nodo:
Ma e' ragiona dentro in cotal modo:*

*Pon freno al gran dolor che ti trasporta;
Che per soverchie voglie
Si perde 'l ciclo, ove 'l tuo core aspira;
Dov' è viva colei ch'altrui par morta;
E di sue belle spoglie
Seco sorride e sol di te sospira;
E sua fama che spira
In molte parti ancor per la tua lingua,
Prega che non estingua;
Anzi la voce al suo nome rischiari,
Se gli occhi suoi ti fur dolci nè cari.*

*Fuggi 'l sereno e 'l verde,
Non t'appressare ove sia riso o canto,
Canzon mia, no, ma pianto.
Non fa per te di star fra gente allegra,
Vedova sconsolata in vesta negra.*

Mulheres, que mirastes sua beldade,
Sua angélica vida
Com celeste atitude aqui na terra,
Condoei-vos de mim, tende piedade,
Não dela, que é subida
A tanta paz, e me deixou em guerra;
Tal que se outra me cerra,
Por mais tempo, o caminho de encontrá-la,
Isso que Amor me fala
Só consegue que eu não desfaça o nó
Do que ele clama, dentro, deste modo:

Suprime a grande dor que te transporta,
Que por cega vontade
Perde-se o céu, a que tua alma aspira,
Onde está viva a que parece morta;
E, lá na Eternidade,
Consigo ri e só por ti suspira;
E sua fama, que expira
Em muitas partes, pela tua língua
Roga que não se extinga;
Antes, seu nome tua voz calar,
Se não te foi amável seu olhar.

Foge ao sereno e ao verde,
E não te vás aonde haja riso ou canto,
Canção minha, mas pranto.
Não fiques entre gente satisfeita,
Viúva desolada em veste preta.